

PAUL STRATHERN

SCHOPENHAUER

.....

em 90 minutos



JORGE ZAHAR EDITOR

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

SCHOPENHAEUR
(1788-1860)
em 90 minutos

Paul Strathern

Tradução:

Maria Helena Geordane

Consultoria:

Danilo Marcondes

Professor-titular do

Deptº de Filosofia, PUC-Rio



FILÓSOFOS

em 90 minutos

978-972-11-1111-1

por Paul Strathern

Aristóteles em 90 minutos
Berkeley em 90 minutos
Bertrand Russell em 90 minutos
Confúcio em 90 minutos
Derrida em 90 minutos
Descartes em 90 minutos
Foucault em 90 minutos
Hegel em 90 minutos
Heidegger em 90 minutos
Hume em 90 minutos
Kant em 90 minutos
Kierkegaard em 90 minutos
Leibniz em 90 minutos
Locke em 90 minutos
Maquiavel em 90 minutos
Marx em 90 minutos
Nietzsche em 90 minutos
Platão em 90 minutos
Rousseau em 90 minutos
Santo Agostinho em 90 minutos
São Tomás de Aquino em 90 minutos
Sartre em 90 minutos
Schopenhauer em 90 minutos
Sócrates em 90 minutos
Spinoza em 90 minutos
Wittgenstein em 90 minutos

SUMÁRIO

Sobre o autor

Introdução

Vida e obra

Posfácio

Citações-chave

Cronologia da vida de Schopenhauer

Cronologia da época de Schopenhauer

Cronologia de datas
significativas da filosofia

Índice remissivo

SOBRE O AUTOR

PAUL STRATHERN foi professor universitário de filosofia e matemática na Kingston University e é autor das séries "Filósofos em 90 minutos", traduzida em mais de oito países, e a mais recente "Cientistas em 90 minutos". Escreveu cinco romances (entre eles *A Season in Abyssinia*, ganhador do Prêmio Somerset Maugham), além de biografias e livros de história e de viagens. Foi também jornalista *freelance*, colaborando para o *Observer*, o *Daily Telegraph* e o *Irish Times*. Tem uma filha e mora em Londres.

INTRODUÇÃO

A era moderna da filosofia começou com Descartes, que duvidou de tudo e reduziu nosso conhecimento a uma certeza principal: *Cogito ergo sum* (Penso, logo existo). Infelizmente, ele partiu em seguida para a reconstrução do nosso conhecimento, como se nada tivesse acontecido. Depois disso, os empiristas ingleses (Locke, Berkeley e Hume) envolveram-se em processo igualmente destrutivo, afirmando que o conhecimento só pode ser baseado na experiência. No momento em que Hume concluiu esse processo, o conhecimento humano estava reduzido a ruínas. Segundo ele, tudo que de fato experimentamos é uma mistura de sensações: as conclusões que daí extraímos não possuem nenhuma validade filosófica.

Esse foi o absurdo que, de forma notável, despertou Kant de seu "sono dogmático". Levando em consideração o empirismo, mas recusando-se a ser por ele intimidado, Kant construiu o maior de todos os sistemas filosóficos.

Passando do sublime ao ridículo, Hegel criou então seu próprio sistema exagerado. Seu contemporâneo Schopenhauer iria tratar essa monstruosidade com o merecido desprezo, mantendo uma perspectiva reconhecidamente kantiana com relação à epistemologia (nossa maneira de ver o mundo). Kant, no entanto, também formulou um sistema moral de grande beleza e distinção. Para Kant, o mundo tinha um fundamento moral. *Es ist gut* ("Está bom") teriam sido suas últimas palavras. E, em sua última grande obra, que dizia respeito à finalidade do mundo, concluiu: "O céu estrelado acima e a lei moral no interior enchem o espírito de admiração e reverência sempre novas e crescentes quanto mais firme e assídua se mostra nossa reflexão." Como veremos, Schopenhauer percebeu tudo de forma bem diferente.

VIDA E OBRA

Com Schopenhauer, retornamos ao planeta Terra. Radicalmente. Como homem, era uma figura desagradável, mas seus escritos são extremamente cativantes. Dos grandes filósofos, foi o mais refinado estilista desde Platão. Sua filosofia também era muito atraente. É a primeira, desde Sócrates, imbuída de toda a personalidade do homem que a formula. Da leitura dos escritos de Schopenhauer, forma-se uma imagem clara do que ele foi como pessoa. Com uma ressalva que vale a pena lembrar. O que no texto aparece como espirituoso, perspicaz e demolidor de fraudes pode com freqüência ser sarcástico, egoísta e agressivo quando encarado na vida real. Fora do palco, os atores quase nunca são famosos por suas qualidades humanas, e o simples fato de filósofos espirituosos serem tão raros não os torna exceção à regra. (Para Sócrates, é uma enorme felicidade que não tenhamos o testemunho de sua esposa Xantipa.)

Mas Schopenhauer era original de outro modo, mais fundamental. Não é por acaso que ficou conhecido como o "filósofo do pessimismo". Considerando a maioria dos outros grandes filósofos, não podemos evitar a sensação de que se comportam da melhor maneira possível e que se espera que façamos o mesmo. Tudo é muito sério e digno. (Até Hume leva a filosofia a sério, quando realiza seu trabalho de demolição.) Schopenhauer, por outro lado, deixa muito claro que considera o mundo e a vida que nele vivemos uma piada de mau gosto. Nesse sentido, está inegavelmente mais próximo da descrição da situação real do que aqueles que vêem o mundo de um ponto de vista otimista ou promissor. Esse pessimismo aparente era incrivelmente revigorante na época, depois de séculos de cristianismo e da última fase do racionalismo. Schopenhauer, no entanto, era pessimista somente na medida em que declarava que o

mundo é indiferente ao nosso destino — não *é de propósito* que ele nos frustra.

Essa atitude não se expressava claramente desde os estóicos, que pregavam um distanciamento hipócrita dos males deste mundo hediondo. Schopenhauer defendia o mesmo, mas o fazia de modo diferente, num estilo combativo e profano. E era por demais egoísta para atingir essa autonegação em sua própria vida (embora, em sua opinião, levasse uma existência de ascetismo exemplar). Esses paradoxos explicam boa parte da popularidade de Schopenhauer. Eles derivam de uma contradição profunda, enraizada em seu caráter, e permaneceram sem solução ao longo de sua vida.

Arthur Schopenhauer nasceu em 22 de fevereiro de 1788 na cidade báltica de Danzig (hoje a cidade polonesa de Gdansk), exatamente do outro lado do golfo onde o herói de toda a sua vida, Kant, morava, em Königsberg. O pai de Schopenhauer era um comerciante de família aristocrática e sua mãe uma mulher exuberante, cuja natureza artística fora frustrada. A família parecia cosmopolita. Arthur recebera esse nome porque era o mesmo também em francês e inglês. Quando os prussianos, que não compartilhavam esse cosmopolitismo, avançaram contra Danzig em 1793, o pai de Schopenhauer imediatamente mudou o lar e os negócios para o porto livre de Hamburgo. Ali, os Schopenhauer finalmente fixaram residência em uma das melhores casas antigas de mercadores na Altstadt (Cidade Velha), na Neuer Wandrahm 93, do outro lado do lago, em frente à Igreja de Santa Catarina, cujos altos pináculos são ainda um dos marcos da cidade.

A nova casa dos Schopenhauer era grande o bastante para abrigar um salão de baile totalmente revestido — com teto de estuque — que, como era costume, comunicava-se com grandes depósitos, que eram a sede dos negócios da família e que davam para o Fleet (canal) onde as barcaças descarregavam. A casa era uma das muitas onde os comerciantes ricos da cidade viviam e se entretinham à insípida maneira burguesa. De forma alguma era rústico, e o jovem Arthur cresceu um garoto pretensioso e sofisticado, recebendo (e finalmente exigindo) pouco amor.

Aos dez anos, foi enviado à França por dois anos, para aprender francês, morando no Havre com a família de um comerciante amigo de seu pai. Tornou-se, então, quase um irmão do filho da casa, Anthime. Com a idade de quinze anos, os pais de Arthur o levaram para uma grande viagem, de dois anos, por toda a Europa. Em Londres, ficou deslumbrado com Piccadilly e com os teatros, mas foi obrigado a passar vários meses numa “escuridão egípcia”, estudando inglês em uma escola em Wimbledon, enquanto seus pais viajavam pela Escócia. A educação recebida nessa escola particular inglesa ajudou-o a compensar tudo que perdera ao não ir para uma escola prussiana, sendo jogado na piscina antes do café da manhã, recebendo chicotadas regulares dos professores, engolindo “a cozinha inglesa” e infundáveis serviços religiosos. Também ajudou a prepará-lo para os passeios turísticos que viriam e que incluíram uma permanência de dois meses em Bordeaux, na mesma casa em que Hölderlin fora acometido por um acesso de loucura dois anos antes, e uma visita a Toulon, onde *seis mil* escravos permaneciam acorrentados “na condição mais suja e revoltante imaginável”. (Anos mais tarde, Schopenhauer recorreria a essa terrível imagem para descrever a miséria da humanidade presa à terrível vontade de viver.) Na Boêmia, Schopenhauer escalou o Monte Schneekoppe, onde sua reação está, desde então, registrada no livro de visitantes:

“Quem consegue escalar

E permanecer em silêncio?

Arthur Schopenhauer, de Hamburgo.”

Em geral, porém, estes eram momentos de grande depressão para o jovem Arthur. Sempre que a família viajava pela Europa, ficava demasiado evidente a miséria provocada pelas recentes Guerras Napoleônicas. Mendigos mutilados cobriam as ruas das cidades, muitos vilarejos estavam abandonados e, ainda assim, a megalomania de Napoleão permanecia insaciável. A era que se havia iniciado esperançosa, com a Revolução Francesa, degenerara em um desespero sentido por toda a Europa. Foi o período que produziu a sofisticada indiferença de Byron, a lírica melancólica do grande poeta italiano Leopardi, “um mundo totalmente destruído” nas palavras de

Goethe, em que Beethoven rasgou a dedicatória a Napoleão de sua Sinfonia *Heróica*.

Schopenhauer era profundamente consciente de todos esses acontecimentos e desejava desempenhar papel próprio no mundo da cultura. Não seria assim, porém. Seu pai o obrigava a tornar-se um homem de negócios. No final desse grande giro pela Europa, teve de abandonar os estudos e trabalhar como aprendiz em um estabelecimento comercial em Hamburgo. Foi para ele uma época de angústia pessoal profunda e intensamente reprimida. (Na mesma idade, esse conflito levou o igualmente impassível Hume a um colapso nervoso.)

De repente, porém, toda a situação mudou. Nas primeiras horas do dia 20 de abril de 1805, o pai de Schopenhauer subiu no telhado do armazém nos fundos da mansão da família e atirou-se no Fleet. O sentido preciso desse suicídio permanece obscuro. Seu casamento tinha-se tornado uma dolorosa charada, o cenário europeu era profundamente deprimente e as perspectivas comerciais não pareciam boas. No entanto, talvez mais pertinente fosse o forte traço de melancolia (que seria herdado pelo filho) e um histórico familiar de instabilidade mental (a avó paterna de Arthur enlouqueceu). Mas a mente de Schopenhauer não parece ter sido afetada e sua sanidade superaria a de qualquer outro filósofo.

O suicídio foi abafado, como costuma ocorrer com decisões sérias e pouco usuais na alta sociedade (presumivelmente para evitar que esse suicídio se tornasse inspirador). As atividades comerciais dos Schopenhauer eram sólidas, proporcionando à família uma renda vitalícia substancial; a mãe de Arthur e sua irmã caçula deixaram Hamburgo para viver uma nova vida cercada de arte, na refinada Weimar. Enquanto isso, Schopenhauer, que tinha então dezoito anos, fora deixado sozinho na cidade, em um emprego do qual não gostava mas onde se sentia obrigado a continuar. Pouco antes de morrer, o pai o presenteara com um ensaio do poeta Matthias Claudius, denominado *A meu filho*. O texto recomendava uma alienada introspecção estóica, o que se harmonizava perfeitamente com os sentimentos de Schopenhauer. Mas ele não passou toda a vida nesse estado de introspecção e, bem mais tarde, sua

sofisticação mundana permitiu-lhe viver, ao que parece, uma vida extremamente discrepante em relação a seus sentimentos mais íntimos. Foi nessa época que seu amigo Anthime, do Havre, mudou-se para Hamburgo, a fim de estudar administração. Ambos tinham dinheiro e, nos fins de semana, circulavam pelas portas dos teatros, abordando atrizes e coristas. Quando não conseguiam seduzi-las, consolavam-se com “as carícias de alguma diligente prostituta”.

Em 1807, Schopenhauer finalmente conseguiu reunir forças para contrariar os anseios do pai. Saiu de Hamburgo e foi estudar em Gotha, a fim de se preparar adequadamente para a universidade. Nesse momento, entretanto, já passara da idade de voltar à escola e logo foi expulso (por ter escrito um poema que nada tinha de particularmente engraçado, e nem sequer era grosseiro, sobre um professor alcoolizado). Foi então morar com sua mãe em Weimar.

A mãe tinha se tornado uma estrela dos salões literários. Começara a escrever e ficara amiga da pouco convencional Grande Personalidade da Literatura Alemã, Goethe, e do espirituoso Wieland (o Voltaire alemão). Madame Schopenhauer era muito requisitada, mas cometia a ousadia social de desdenhar propostas de casamento, preferindo sua independência. Schopenhauer ficou aterrorizado com o espetáculo da mãe se divertindo dessa forma; e ela própria não imaginava ter um filho que a desaprovava vivendo sob o mesmo teto, reprimindo seu modo de ser. Eram ambos voluntariosos, volúveis, e logo se desentenderam. Houve muitas cenas e muitas batidas de porta. Não há dúvida de que Schopenhauer estava genuinamente chocado com o comportamento da mãe. (O conceito de hipocrisia chauvinista, assim como o Congo, ainda estava por ser descoberto, embora muitos intrépidos exploradores da selva social estivessem se convencendo de que existia.) Também é certo que Schopenhauer tinha ciúmes do sucesso da mãe nesse intenso ambiente literário. Ele desprezava suas aspirações a “gênio” (nutrindo ao mesmo tempo, ele próprio, aspirações semelhantes), e sua transformação quase com certeza trouxe à tona o atrito edipiano latente entre eles.

Todos deram um suspiro de alívio quando o jovem Arthur finalmente partiu para estudar na Universidade de Göttingen, em

1809. Ele se matriculou na escola de medicina, mas em seguida começou a freqüentar aulas de filosofia, onde descobriu Platão e começou a ler Kant, que iria exercer influência indiscutível sobre sua filosofia. Schopenhauer reconheceu de imediato a qualidade superior da filosofia de Kant e sentiu-se amargamente decepcionado quando tentou estudar a obra mais moderna de Hegel. Iniciou então seu vôo intelectual fazendo, em seus cadernos pessoais, anotações reveladoras de sua notável perspicácia filosófica, que aumentava rapidamente — em proporção inversa à sua modéstia. Logo concluiu que era um gigante entre anões no cenário filosófico de Göttingen e, em 1811, mudou-se para Berlim a fim de estudar com Fichte, o filósofo alemão mais importante da época. (Hegel havia publicado *A fenomenologia do espírito* quatro anos antes, mas ninguém até então fingira tê-la compreendido.) Schopenhauer se desiluiu rapidamente com o obscurantismo de Fichte. O que ele procurava era algo tão claro quanto a ciência e igualmente convincente.

A despeito de tudo isso, quase foi persuadido, dado o entusiasmo de Fichte pela Guerra de Libertação, a juntar-se à luta da Alemanha contra Napoleão. Mas, no final, pensou melhor e, em 1812, recolheu-se para escrever sua tese de doutorado, que intitulou “Sobre a raiz quádrupla do princípio de razão suficiente” e que era tão interessante quanto parecia, consistindo, em grande parte, em uma exploração kantiana dos quatro tipos de causa e efeito (lógico, físico, matemático e moral).

Schopenhauer retornou então a Weimar, onde Johanna Schopenhauer mantinha relações com um funcionário da corte chamado Müller (que preferia ser conhecido pelo nome mais aristocrático de von Gerstenbergk). Esse desafortunado *bergk* era doze anos mais jovem do que ela e gostava de escrever poesia. Schopenhauer entrou em cena e desempenhou magistralmente seu papel de Hamlet; Müller não estava nada disposto a representar Claudius e se levantava da mesa de jantar ressentido sempre que Arthur fazia seus comentários indiretos e mordazes, deixando que o novato Hamlet se entendesse com Gertrude/Johanna. Em uma de suas cartas ao filho, Johanna dá o tom: “Não foi Müller, mas você mesmo quem se separou de mim; sua desconfiança, as críticas à

minha vida, aos meus amigos, seu comportamento volúvel em relação a mim, seu desprezo pelo meu sexo, sua ganância, seus humores.” Johanna então já se transformara na figura que iria escrever os romances populares românticos que a fizeram famosa, fato que o filho não podia suportar. Ele sabia que seu intelecto era muito superior ao dela (que não era de se desprezar de todo, como muitos críticos nos querem fazer acreditar), mas não era tão fácil descartar suas pretensões literárias como algo indigno de consideração. Esse conflito evidentemente tinha que seguir seu curso, para permitir que problemas psicológicos renitentes pudessem ser resolvidos.

Weimar, no entanto, significou para Schopenhauer mais que uma novela de infundáveis querelas domésticas. Ele também veio a conhecer Goethe. O filósofo em formação e o gênio amadurecido chegavam a conversar horas a fio. Schopenhauer mais tarde declarou que “tirou grande proveito” dessas conversas e também que ajudou Goethe na sua “Teoria das cores” (uma excentricidade científica de gênio, levada a sério somente pelos críticos literários). Goethe, porém, não colaborou em nada com os problemas domésticos quando comunicou a Johanna Schopenhauer que seu filho seria um dia reconhecido como gênio. Para ela, havia lugar para apenas um representante dessa espécie no poleiro da família e esse lugar já tinha dono.

Foi também nesse período que Schopenhauer descobriu a filosofia hindu, que, juntamente com Platão e Kant, seria a principal influência na elaboração de sua própria filosofia. Foi a filosofia hindu que forneceu uma justificativa intelectual para sua visão de mundo excessivamente pessimista. De fato, essa justificativa era tão ambígua quanto sua fonte. Schopenhauer leu um livro intitulado *Oupnekhat*, última moda entre os românticos, ansiosos por apoiar qualquer idéia que os livrasse da repressão imposta pelo racionalismo. O livro fora traduzido por um cidadão francês para o latim, a partir de uma tradução persa do original sânscrito. Sua fidelidade ao texto original talvez seja melhor ilustrada pela proximidade de seu título, *Oupnekhat*, com o que hoje consideramos original: os *Upanishads*. Chega a ser irônico que a utilização

questionável, por parte de Schopenhauer, desse texto questionável proporcionasse sólidos alicerces para a filosofia pessimista moderna, corrente de pensamento que até hoje permanece atual.

Enfim, o *Sturm und Drang* (o romantismo cotidiano) no lar de Schopenhauer atingiu o clímax e Arthur bateu a porta pela última vez. Em maio de 1814, deixou Weimar para sempre. Jamais tornaria a ver a mãe, embora ela continuasse a lhe escrever esporadicamente durante seu período de estrelato literário. ("Você é insuportável e opressivo " etc.)

Nos anos seguintes Schopenhauer morou em Dresden, onde escreveu as mil páginas de *O mundo como vontade e representação*, sua obra-prima. Curiosamente, o livro traz uma epígrafe de Rousseau: "*Sors l'enfance, ami, réveille-toi!*" ("Saia da infância, amigo, desperte!") A idéia fundamental desse livro gigantesco está habilmente expressa em seu título (algumas vezes erroneamente traduzido como *O mundo como vontade e idéia*). O mundo que vemos consiste em representação, meros fenômenos, como Kant muito bem o definiu. O que apóia essa representação, porém, não é, como em Kant, a realidade final do númeno, mas a Vontade universal. Essa Vontade é cega, perpassa todas as coisas e é sempre destituída de objetivo. Como o númeno de Kant, está além do espaço e do tempo e não possui causa. É isso que provoca toda a miséria e sofrimento do mundo, que só podem terminar com a morte. Nossa única esperança é nos libertarmos do poder dessa Vontade e da carga de individualidade e egoísmo atada a ela. Isso só pode ser obtido pela renúncia expressa na compaixão por nossos irmãos sofredores, pela abnegação da vontade tal como praticada pelos santos e eremitas de todas as raças e credos, e pela apreciação estética das obras de arte (que inclui a contemplação sem vontade).

Surpreendentemente, à luz desse preceito filosófico, Schopenhauer viveu no conforto burguês durante toda a sua vida. Nem por um momento ocorreu-lhe abrir mão de sua renda particular em prol de qualquer existência santificada sem uma governanta; continuou a manter casos amorosos de natureza bastante desapaixonada; e adorava comer muito. (Conforme ele próprio

observou certa vez a um companheiro de jantar: “É verdade que como três vezes mais que o senhor, mas meu cérebro é três vezes maior que o seu.”) No entanto, sempre conseguia desfrutar alguma sensação estética. Conhecia bastante literatura, ia a concertos, a galerias de arte e ao teatro com frequência (não apenas para encontros com coristas).

Schopenhauer tinha idéias bem definidas sobre arte e escreveu bastante sobre o assunto. Em sua opinião, a forma de arte mais elevada era a música, passava pela poesia, até chegar à forma mais inferior, que era a arquitetura. (Romances leves, como os de Johanna Schopenhauer, não aparecem nessa escala artística.)

Quando Schopenhauer terminou *O mundo como vontade e representação*, enviou o manuscrito a um editor, com uma nota tímida, como era sua característica: “Este livro será no futuro a fonte e a motivação de uma centena de outros livros.” Nesse caso, foi uma subestimação bastante modesta. Mas não a princípio. Durante muitos anos, décadas até, sua obra seria extremamente malsucedida. (Dezesseis anos mais tarde, os editores afinal informaram a Schopenhauer que quase toda a pequena primeira edição de sua obra-prima fora transformada em papel picado. Sua reação diante dessa indiferença por parte de seus contemporâneos foi típica: “Deveria um músico sentir-se lisonjeado com o aplauso entusiasta da platéia, se soubesse que eram quase todos surdos?”)

Confiante na fama, agora que tinha entregue seu manuscrito aos editores, Schopenhauer partiu para longas férias na Itália. Antes de viajar, escrevera a Goethe, que lhe enviara uma carta de apresentação a Byron. O solitário poeta inglês residia então em Veneza, que por acaso se encontrava no itinerário de Schopenhauer. Quando este caminhava pelo Lido com uma mulher que conhecera casualmente, Byron passou galopando em seu cavalo. A mulher gritou e entrou em êxtase diante da visão de seu grande herói. Schopenhauer, enciumado, decidiu não utilizar a carta de apresentação de Goethe. (Por muitos anos, ele citaria esse fato como exemplo de “como as mulheres são um obstáculo à grandeza da humanidade.”) Continuou viajando pela Itália durante um ano, irritando a colônia internacional de artistas reunida no Caffè Greco,

em Roma, com suas opiniões provocativas (defendendo o politeísmo, referindo-se aos apóstolos como os “doze filisteus de Jerusalém” etc.) e dizendo, em suas cartas para casa, que na Itália “apreciava não apenas sua beleza, como também suas belezas”.

Em 1819, *O mundo como vontade e representação* foi finalmente publicado. O livro não só compreendia todo o seu sistema filosófico, como seria o apogeu de seu pensamento, que não se iria desenvolver de modo significativo durante os quarenta anos seguintes. Por volta de 1820, Schopenhauer começou a ficar claramente impaciente com a demora de seu reconhecimento mundial. Decidiu tomar as rédeas do assunto e conseguiu um lugar como *Privatdozent* na Universidade de Berlim, onde Hegel dava aulas. Hegel impusera-se então como uma espessa camada de neve sobre os campos e florestas verdes da filosofia alemã. Nada da paisagem verdadeira era visível sob esse manto de obscuridade, e os filósofos ficaram restritos à criação de estranhos bonecos de neve, atirando bolas de neve dialéticas uns nos outros e patinando habilmente pelos lagos congelados da abstração. O mundo se reunia para ouvir Papai Noel dar suas aulas.

Schopenhauer percebeu de imediato que seu rival na disputa pelo título de peso-pesado da filosofia alemã era um impostor e anunciou que daria suas aulas exatamente no mesmo horário que ele. Ficou atônito quando ninguém apareceu. Para se consolar, após suas aulas solipsistas, começou a sair com uma atriz de dezenove anos chamada Caroline Medon. Ela era o tipo de jovem encantadora que ele procurava, decidiu, e começou a pensar em casamento (embora nada dissesse a Caroline). Sentiu-se ofendido quando descobriu que ela tinha vários outros amantes e ofereceu-lhe dinheiro para se livrar deles. Resolveu então que precisava de outras férias de um ano na Itália, para repensar sua vida. Caroline parece não ter sido convidada, mas ele lhe garantiu que estaria com ela em pensamento. Caroline deu um pouco mais de substância a essa expressão delicada quando lhe escreveu, poucas semanas depois de iniciadas suas férias, anunciando que estava grávida. Schopenhauer decidiu galantemente permanecer com ela em pensamento e

prosseguiu sua longa turnê pela Itália. Quando retornou a Berlim, Caroline dera à luz um menino.

Foi mais ou menos nessa época que Schopenhauer envolveu-se em outro incidente de conseqüências imprevisíveis e duradouras. Uma tarde, encontrava-se ele em seu apartamento, aguardando ansiosamente um encontro com Caroline. Supõe-se que estivesse prestando a máxima atenção à porta da frente tentando perceber sua aproximação, uma vez que conseguiu ouvir Frau Marquet, a costureira de quarenta e cinco anos que morava ao lado, tagarelando com um casal de amigos em plena escada. Irritado com a tagarelice incessante (e provavelmente tentando evitar tornar-se ele próprio alvo dela), Schopenhauer abriu a porta e abruptamente mandou a vizinha tagarelar em outro lugar. Frau Marquet ofendeu-se ao ser interrompida de modo tão rude e recusou-se a sair, o que deixou Schopenhauer profundamente irritado, fazendo com que a agarrasse pela cintura e a removesse fisicamente, enquanto ela se debatia e berrava.

Frau Marquet processou Schopenhauer por agressão física e ele teve que pagar a pequena multa de 20 táleres. Frau Marquet descobriu então que ele era rico e interpôs um recurso, alegando que, como resultado da queda que sofrera quando ele a derrubara, o seu lado direito estava completamente paralisado e mal podia mover o braço. Schopenhauer contestou com energia e o caso se arrastou, como de hábito acontece, para que os advogados pudessem faturar seus honorários. Afinal, seis anos depois, ele perdeu a causa. Sua atitude superior e sarcástica não angariara a simpatia da corte e ele foi condenado a pagar a Frau Marquet 15 táleres por trimestre enquanto o dano persistisse. Frau Marquet, é claro, considerou esse julgamento um desafio e conseguiu prolongar os efeitos de sua alegada lesão pelos vinte anos seguintes, até sua morte. Quando Schopenhauer soube que ela morreria e se deu conta de que não mais teria de pagar, registrou espiritualmente em latim no seu diário: "*Obit anus, abit onus*" (que não é tão grosseiro quanto parece e significa apenas: "A velha morre, o fardo desaparece").

Enquanto isso, *O mundo como vontade e representação* já havia sido publicado há dois anos e Schopenhauer ainda não era famoso. E, para juntar o insulto à ofensa, Hegel continuava a lotar suas aulas (ao passo que uma sala de aulas vizinha permanecia flagrantemente vazia). Após tentar a abordagem direta para sabotar seu grande rival, Schopenhauer decidiu então tentar o enfoque filosófico mais convencional. Escreveu um texto descrevendo o hegelianismo como “a impudência de um escrevinhador de disparates” e caracterizando seu criador como “um charlatão cabeça-chata e iletrado”. Mas, ainda assim, ninguém percebeu.

Nesse meio tempo, Schopenhauer decidiu tentar trabalhar como tradutor, fazendo planos para traduzir Hume para o alemão e Kant para o inglês. Nada, infelizmente, surgiu desses projetos, o que teria sido de incalculável benefício para os círculos filosóficos de ambos os lados do Mar do Norte. Também não deram em nada seus planos de casamento. Ele parece ter amado Caroline Medon, mas não tinha certeza se sua posição social ou seu filho ilegítimo seriam adequados para um filósofo mundialmente famoso. Suspeitou então (erroneamente) que ela tinha tuberculose, o que era em geral visto pela sociedade sob a mesma luz piedosa com que se vê a AIDS hoje. Um bom psiquiatra teria provavelmente se ocupado de Schopenhauer, mas ainda seriam necessários trinta anos antes que Freud surgisse e fosse influenciado por sua filosofia, o suficiente para que descobrisse o método com o qual poderia ter curado seu autor. Assim como esse nó desafia nossa capacidade de deslindá-lo, do mesmo modo Schopenhauer continuou a hesitar entre seu adorável ego e seu ameaçador superego paterno. O romance com Caroline se arrastou em idas e vindas durante anos e, muito depois de ter afinal terminado, ele se lembraria dela em seu testamento. Embora ao mesmo tempo, como era de seu temperamento, repelisse todas as reivindicações de um certo jovem Carl Ludwig Medon. O homem que afirmava entender o mundo, e tudo de errado que nele havia, jamais conseguiu compreender o que havia de errado consigo próprio.

Em 1831, o coléra devastou Berlim, e Schopenhauer fugiu. (Foi essa epidemia que matou seu arqui-rival Hegel.) Dois anos mais

tarde, aos quarenta e cinco anos, fixou residência em Frankfurt, onde permaneceria pelos vinte e oito anos seguintes, vivendo uma vida de solteiro cuja extrema disciplina seguia a de seu herói Kant. Foi essa imagem que Schopenhauer transmitiu à posteridade, uma figura que aprendemos a abominar: o velho tolo e azedo de Frankfurt (para fazermos jus ao nível schopenhaueriano de avaliação filosófica da personalidade). Ele passou a se vestir com roupas fora de moda (embora impecavelmente cortadas) e desenvolveu uma obsessão em relação ao barulho. (“Há muito sou de opinião de que o volume de ruído que alguém pode suportar confortavelmente é inversamente proporcional à sua capacidade mental.”)

Após acordar tarde e tomar seu café, costumava ler durante três horas. Depois, tocava flauta (Rossini, “*con amore*”). Seguia-se o almoço, na mesa redonda do prestigioso Englischer Hof on Rossmarkt. À tarde, tinha o hábito de se isolar nas salas de leitura do Casino Society, para ler o último exemplar do *The Times*, que chegara de Londres, após o que saía para um longo passeio com seu poodle (um cãozinho popular saltitando pela calçada, rosnando consigo mesmo). E varava a noite lendo.

Schopenhauer leu literatura e filosofia extensamente: e, após dezenove anos de “indignação silenciosa”, com a falta de fama, publicou um segundo trabalho filosófico, *Acerca da vontade na natureza*. O prefácio dessa obra contém uma hilariante invectiva contra Hegel, que pouco tem a ver com filosofia, sendo o livro em si principalmente uma elaboração de temas de sua grande obra anterior. Também publicou nova edição de *O mundo como vontade e representação*, mas esta tampouco conseguiu quebrar “a resistência de um mundo estúpido”. Os distúrbios revolucionários de 1848 o aterrorizaram ao ameaçar alterar sua rotina e suspender sua fonte de renda particular; e, apesar de sua desenvoltura agressiva em público, pouco a pouco se conformou com o fato de sua vida não passar de um enorme fracasso.

Aos sessenta e três anos, decidiu editar seus ensaios e máximas, mas ninguém se interessou pela publicação. Conseguiu, afinal, convencer um pequeno livreiro de Berlim a produzir uma edição modesta, comprometendo-se a financiá-la ele próprio. A obra foi por

ele intitulada *Parerga et paralipomena* (do latim “Ornamentos e omissões”), e contém uma série de tópicos repletos de um humor amargo sobre uma ampla gama de assuntos. Esses ensaios e aforismos permanecem tão atuais, perspicazes e provocativos hoje quanto o eram na época de seu surgimento. A posição de Schopenhauer é com frequência agressivamente conservadora, ligada a elementos anárquicos incongruentes e impregnada de um egoísmo sarcástico. Suas opiniões sobre as mulheres são, como era de se prever, inaceitáveis. (“Só um intelecto másculo toldado pelo desejo sexual poderia denominar aquele sexo atrofiado, de ombros estreitos, quadris largos e pernas curtas, de belo sexo.”) Mas diz coisas interessantes e não conservadoras sobre monogamia, suicídio, envolvimento da Igreja no tráfico de escravos, ética, auto-reflexão e fantasmas. *Parerga et paralipomena* é decididamente a obra de leitura mais acessível escrita por um grande filósofo desde Platão, mantendo surpreendente sintonia com a sensibilidade moderna, apesar de certas bizarrices facilmente reconhecíveis. No entanto, embora essa obra de fato reflita a posição filosófica de Schopenhauer, será difícil denominá-la filosofia. A maior parte dela consiste em uma excentricidade filosófica: não exatamente na mesma categoria cômica do plano de Leibniz para inundar o estado de Hanover, as propostas de Berkeley para a água de alcatrão ou as reflexões de Wittgenstein sobre a cultura, mas ao mesmo tempo não inteiramente desprovida de um toque de farsa, ainda que não intencional.

Em abril de 1853, *Parerga et paralipomena* recebeu comentários favoráveis na *Westminster Review*, de Londres, editada por George Eliot (que obviamente não prestava muita atenção aos livros que ela própria mandava para a crítica). Os intelectuais alemães tinham então um saudável, embora de certo modo indevido, respeito pelo pensamento inglês. Diversos periódicos alemães passaram a comentar o trabalho de Schopenhauer, que se tornou famoso da noite para o dia. A última pessoa a exultar com esse final feliz foi o próprio Schopenhauer, que se apegou resolutamente à sua rotina e permaneceu excêntrico como sempre (embora vibrando em segredo com seu sucesso e pedindo às poucas pessoas com quem ainda

mantinha relações que seleccionassem todas as referências a ele nos jornais, de modo a que pudesse lê-las no café da manhã). Jovens entusiastas da nova estrela filosófica reuniam-se no Englischer Hof e subornavam os garçons para conseguir lugar na mesa redonda, onde o entusiasmo deles ficava sujeito ao costumeiro humor corrosivo. Os admiradores saíam ressentidos mas cheios de si, convencidos de que tinham sido ofendidos pelo maior cérebro da Europa.

Aos sessenta e cinco anos, após mais de trinta e cinco de espera, “o Nilo chegara ao Cairo”, segundo as palavras de Schopenhauer. Adorou a fama que realmente merecia, mas morreu sete anos depois, em 21 de setembro de 1860.

Os escritos combativos e pessimistas de Schopenhauer iriam exercer profunda influência em figuras tão diversas quanto Wagner, Freud, Tolstoi, Nietzsche e Burkhardt (para citar apenas alguns). A maioria leu apenas seus ensaios, mas captou a mensagem desalentadora de sua metafísica. Mas como podia Schopenhauer afirmar que por trás do mundo de aparências jazia uma vontade fria, escura, inflexível e irrefletida? Segundo ele, todos nós temos a oportunidade de ver além do mundo das aparências, olhando para dentro de nós mesmos.

POSFÁCIO

Schopenhauer não atraiu seguidores, mas sim discípulos — tal o impacto de seu enfoque filosófico totalmente novo no tranqüilo mundo intelectual da Alemanha do século XIX. Nem todos esses discípulos, no entanto, eram bajuladores fáceis de conduzir — entre eles encontravam-se alguns dos melhores cérebros da geração seguinte.

Muito antes da tardia fama de Schopenhauer, sua obra fora descoberta pelo jovem Wagner. Seu efeito desagregador o seduziu irresistivelmente — e, na revolução de 1848, Wagner (na companhia do anarquista Bakunin), foi persuadido a ir para as barricadas em Leipzig. Schopenhauer ficou perplexo diante dos distúrbios de 1848, que poderiam facilmente ter destruído sua fonte de renda particular (e forçado, assim, o filósofo a aderir ao ascetismo que tanto recomendava). Wagner havia sido contaminado pelo pessimismo de Schopenhauer. Em seu entusiasmo juvenil, misturou essa combinação aparentemente incompatível em um niilismo anárquico de lavra própria. Durante anos a fio continuou a tirar inspiração artística da leitura de Schopenhauer, apesar de seu ponto de vista sobre o filósofo guardar pouca semelhança com o que o próprio Schopenhauer pretendia. (Siegfried não se destaca por sua resignação oriental.)

O apelo de Schopenhauer ao temperamento criativo continua até hoje — inspirando quase tantas respostas quanto criadores. Personalidades tão diversas como Thomas Mann, James Joyce, Samuel Beckett e Thomas Bernhard encontraram uma referência em Schopenhauer e em sua visão pessimista.

Porém, a influência de Schopenhauer sobre os filósofos posteriores seria ainda mais drástica e até mais eclética. O sombrio Philipp Mainländer levou ao extremo a visão pessimista que

Schopenhauer tinha do mundo, tanto em relação às questões sociais quanto às individuais. A única forma de resolver o problema dos pobres era dar-lhes tudo o que quisessem: isso logo os convenceria da frivolidade de tais coisas e da futilidade da vida, tornando-os então capazes de encarar o problema da existência individual, o que Mainländer fez ao cometer suicídio.

Nietzsche decidiu adotar um enfoque diferente. Decididamente o mais brilhante e profundo pensador a ser influenciado por Schopenhauer, Nietzsche simplesmente subverteu sua idéia de vontade. Em vez de o mundo ser conduzido por um mal cego que só podia ser combatido com o recolhimento ascético, Nietzsche defendeu a Vontade de Potência.

Mediante astuciosa mistura das noções de Vontade de Schopenhauer e de Nietzsche, Freud iria lançar depois a noção de inconsciente. Mais recentemente, Schopenhauer influenciou de modo decisivo o último dos filósofos tradicionais. O contemporâneo vienense de Freud, Ludwig Wittgenstein, sofreu forte impacto do pessimismo e da visão naturalmente mística do mundo de Schopenhauer. A famosa expressão de Wittgenstein "Sobre aquilo que não se pode falar, devemos calar" (*Tractatus logico-philosophicus* 7.00) pode estar se referindo ostensivamente à linguagem e ao significado, mas ainda tem misteriosa semelhança com a defesa que Schopenhauer faz do retraimento da obscura e invisível Vontade, que permanece para sempre além de nosso entendimento.

CITAÇÕES-CHAVE

Quando percebemos e consideramos a existência e a atividade de qualquer criatura natural, por exemplo um animal, isso nos parece essencialmente um mistério inescrutável, apesar de tudo que aprendemos em zoologia e anatomia comparada. Mas, por que a natureza se recusa sempre a responder essas perguntas? Com certeza, como tudo o que é grandioso, ela é aberta, comunicativa e até ingênua. Por que, então, a natureza se recusa a responder a tais perguntas? A razão pela qual não temos resposta deve-se apenas ao fato de que nossa pergunta foi incorretamente formulada, nasceu de hipóteses limitadas ou era contraditória em si mesma. É possível existir uma cadeia de fundamentos e conseqüências que devem permanecer para sempre insondáveis para nós? Certamente não. Muito ao contrário, esses assuntos são insondáveis porque procuramos fundamentos e conseqüências em uma esfera estranha a eles.

Parerga et paralipomena,
"Sobre as coisas em si e a aparência", Seção 65

A coisa em si refere-se àquilo que existe independentemente de nossa percepção sensorial. Em outras palavras, é aquilo que realmente e verdadeiramente é. Demócrito deu a isso o nome de matéria; afinal, assim o fez também Locke; para Kant era um *x*; e para mim é *a vontade*.

Ibid., "Sobre a coisa em si e a aparência",
Seção 61

Apenas em um ponto tenho acesso a outro mundo que não seja o da representação. Esse ponto está dentro de mim. Quando percebo meu corpo, isso é representação Mas também estou consciente dos

anseios que dão origem a essa representação: isso é a vontade. Apenas dentro de mim tenho de fato esse duplo conhecimento de vontade e representação.

O mundo como vontade e representação

O duplo conhecimento que cada um de nós tem da natureza e da atividade do nosso próprio corpo, e que nos é dado de dois modos completamente diferentes, agora está claro. Utilizaremos portanto esse fato, de modo mais amplo, como uma chave do caráter essencial de todos os fenômenos da natureza. Todos os objetos que não são nosso próprio corpo e que, assim, não chegam ao nosso conhecimento de maneira dupla (mas tão-somente como representação), consideraremos que são semelhantes ao nosso próprio corpo. E como sabemos que são semelhantes ao nosso corpo do primeiro modo, tomaremos como hipótese que são semelhantes do segundo modo. Assim, quando abolimos sua existência como representação, tudo o que permanece é o que denominamos *vontade* — exatamente como em nossos próprios corpos. Que outro tipo de existência ou realidade devemos atribuir ao restante do mundo material? De que outro modo podemos conceber esse mundo? Pois, além da vontade e da representação, nada mais é por nós conhecido ou mesmo concebível.”

O mundo como vontade e representação,

2º Livro: O mundo como vontade:

1º aspecto, Seção 19

Queixamo-nos de que vivemos na ignorância, incapazes de entender a relação entre todos os fatos da existência e, em particular, a relação entre nossa existência particular e o todo da existência. Não apenas a vida é curta, mas nosso conhecimento dela é drasticamente limitado. Não conseguimos olhar para trás e ver aquém do nosso nascimento ou olhar para a frente e ver além da morte. Nossa consciência é uma centelha passageira no meio da noite. É como se algum demônio maligno tivesse limitado nossa capacidade de saber, de modo a poder se regozijar com nossa inquietação.

Essa queixa, porém, é injustificada. Baseia-se na idéia errônea de que o mundo foi criado por um *intelecto* e, por conseguinte, existiu como *imagem mental* (ou representação) antes de se tornar real. De acordo com essa visão equivocada, o mundo derivou do conhecimento, sendo, dessa forma, acessível ao conhecimento — capaz de ser por ele analisado e totalmente compreendido. Mas a verdade é que aquilo de que nos queixamos não saber não é do conhecimento de ninguém ou de qualquer coisa e é, em si, absolutamente incognoscível. É, na realidade, inconcebível.

Parerga et paralipomena,
“Sobre a coisa em si e a aparência”, Seção 67

O estado a que a morte nos restitui é nosso estado original. Ou seja, aquele peculiar à nossa natureza verdadeira, cuja força essencial se manifesta mediante a criação e a preservação da vida que perdemos na morte. Esse é o estado da coisa em si, distinta do fenômeno. Nesse estado original, o conhecimento cerebral, que lida apenas com fenômenos, é, assim, supérfluo. Portanto, desaparece. Seu desaparecimento é para nós idêntico ao desaparecimento do mundo fenomênico, que era seu meio, e cujo desaparecimento o deixa redundante. Mesmo se porventura, enquanto estávamos nesse estado original, nos fosse oferecida essa consciência animal, nós a recusaríamos — assim como um aleijado curado rejeita as muletas. Dessa forma, qualquer um que resista à perda iminente de sua consciência cerebral — que é meramente um fenômeno e só pode ser utilizado no domínio fenomênico — é como o convertido Greenlanders, que recusou a idéia de paraíso porque nele não havia portas.

Ibid., “Sobre a doutrina
da indestrutibilidade do ser”, Seção 139, §7

Tudo isso significa que a vida pode ser considerada um sonho e a morte o despertar desse sonho. Caso em que a personalidade individual pertence ao sonho e não ao estado de vigília. Em seguida, a morte se mostra à personalidade individual como um aniquilamento. Por outro lado, se consideramos a vida um sonho, a

morte deixa de ser uma transição para algo estranho ou novo, tornando-se meramente um retorno a nosso estado original, onde a vida é vista apenas como um breve episódio.

Ibid.

Ainda mais absurda é a teoria de que o Estado é a condição da liberdade moral e, dessa forma, a condição da moralidade. A liberdade reside além dos fenômenos e, na realidade, além das disposições humanas. Conforme vimos, o Estado dificilmente é dirigido contra o egoísmo em geral. Ao contrário, ele surgiu através do egoísmo e existe apenas para favorecê-lo. Esse egoísmo sabe muito bem onde reside seu interesse máximo. Ele procede metodicamente, renunciando ao limitado ponto de vista individual em favor do ponto de vista universal, tornando-se, dessa forma, o egoísmo comum a todos. O Estado é, portanto, criado na suposição de que seus cidadãos não se comportarão de acordo com a moral — ou seja, não escolherão agir de modo correto por razões morais (isto é, para o bem de todos). Pois, em primeiro lugar, se esse fosse o caso, não haveria necessidade do Estado. Assim, o Estado, que pretende promover o bem-estar de todos os cidadãos, de modo algum é orientado contra o egoísmo em geral. É orientado apenas contra a multiplicidade de egoísmos particulares e seu efeito deletério sobre o egoísmo coletivo, que deseja o bem-estar comum.

O mundo como vontade e representação,
4º Livro: O mundo como Vontade: 2º aspecto,
Seção 62

O dinheiro é teoricamente a felicidade do homem; qualquer um que não seja mais capaz de ser verdadeiramente feliz anseia por dinheiro.

Quando a vontade substitui o conhecimento, o resultado é a *obstinação*.

Se quiser saber quais são os seus verdadeiros sentimentos em relação a alguém, observe a imediata impressão causada em você

pela chegada de uma carta inesperada dele (ou dela).

Parerga et paralipomena

CRONOLOGIA DA VIDA DE SCHOPENHAUER

- 1809* Conclui a escola secundária com êxito; recebe uma herança de seu pai; estuda medicina, ciências naturais, Platão e Kant na Universidade de Göttingen.
- 1812* Estuda em Berlim: Fichte e Schleiermacher.
- 1813* Deixa Berlim e vai para Weimar a fim de escapar da guerra. Discussão com sua mãe. Num hotel em Rudolstadt, escreve sua dissertação "Sobre a raiz quádrupla do princípio de razão suficiente". No inverno, discute a Teoria das Cores com Goethe.
- 1814* Violenta discussão com sua mãe e seu amante von Gerstenbergk. Rompe com sua mãe e se muda para Dresden.
- 1815* "Über das Sehen und die Farben": primeira versão de *O mundo como vontade e representação*.
- 1818* Brockhaus concorda em imprimir suas obras. Viagem à Itália.
- 1819* *O mundo como vontade e representação* é publicado mas não obtém sucesso. A família de Schopenhauer passa por dificuldades financeiras em virtude da falência de uma firma comercial em Danzig. Arthur volta para a Alemanha. Discute novamente com sua mãe e também com sua irmã Adele.
- 1820* Trabalha como professor na Universidade de Berlim, mas poucos estudantes assistem suas aulas.
- 1821* Apaixona-se pela cantora Caroline Medon. O "caso Marquet": provoca uma vizinha e é acusado de

difamação.

- 1822 Viaja novamente a Itália.
- 1825 Volta a Berlim. Fracassa de novo na universidade.
- 1831 Vai para Mannheim para escapar do cólera.
- 1833 Muda-se para Frankfurt, onde permanecerá pelo resto de sua vida (por vinte e oito anos).
- 1835 *Acerca da vontade da natureza.*
- 1838 Morte de Johanna Schopenhauer.
- 1839 *Sobre a liberdade da vontade humana* ganha um prêmio da Academia Norueguesa.
- 1840 *Sobre o fundamento da moral* não é premiado pela Academia Dinamarquesa de Ciência.
- 1844 É publicada uma versão ampliada de *O mundo como vontade e representação.*
- 1849 Morte de sua irmã Adele.
- 1851 *Parerga et paralipomena.*
- 1853 Schopenhauer começa a ficar famoso com a publicação de um artigo na *Westminster and Foreign Quarterly Review.*
- 1859 Terceira edição de *O mundo como vontade e representação.*
- 1860 21 de setembro: Schopenhauer morre em Frankfurt.

CRONOLOGIA DA ÉPOCA DE SCHOPENHAUER

- 1808 Revolta espanhola contra Napoleão. *Fausto I*, de Goethe. *Panoramas da natureza*, de Humboldt. Friederich Schlegel e sua mulher, Karoline, se convertem ao catolicismo. Schlegel funda a indologia germânica com *Sobre a linguagem e a sabedoria dos hindus*.
- 1809 Revolta tirolesa contra Napoleão. Schelling: *Sobre a essência da liberdade humana*. Nasce Pierre-Joseph Proudhon, filósofo e anarquista francês (m.1855). Nasce Charles Darwin (m.1882). Goethe: *As afinidades eletivas*.
- 1810 W. von Humboldt funda a Universidade de Berlim, da qual Fichte será o primeiro reitor (1811). *A obra de Platão*, de Schleiermacher.
- 1812 Campanha russa de Napoleão. Fichte: *Sistema de ética e lógica transcendental*.
- 1813 Napoleão é derrotado na Batalha das Nações, em Leipzig. Fichte: *Política*. Morre M. Wieland (n.1733). Nascem Georg Büchner (m.1837), Sören Kierkegaard (m.1855), Giuseppe Verdi (m.1901) e Richard Wagner (m.1883).
- 1814 Napoleão abdica. O Congresso de Viena reorganiza a Europa. Morte de Fichte (n.1762). Rahel Levin se casa com Karl A. Varnhagen von Ense e inaugura o mais famoso salão de Berlim.

- 1815 Napoleão deixa a ilha de Elba e começa outra guerra. Derrota em Waterloo e exílio em Santa Helena.
- 1818 Hegel começa a ensinar em Berlim e tem uma grande audiência. Hegel: *Enciclopédia das ciências filosóficas*. Nascimento de Karl Marx (m.1883).
- 1820 Nascimento de Friedrich Engels (m.1895) e de Herbert Sepencer (m.1903). Maltus: *Fundamentos de política econômica*. Hegel: *Filosofia do direito*.
- 1821 Morte de Napoleão (n.1769). Nascimento de Charles Baudelaire (m.1867), Fiodor Dostoeivski (m.1881) e Gustave Flaubert (m.1880).
- 1828 Nascimento de Henrik Ibsen (m.1906) e Leon Tolstoi (m.1910). F. Schlegel: *Filosofia da existência*.
- 1829 Morte de F. Schlegel e lançamento de sua *Filosofia da história*. A.W. Schlegel: *Bibliografia hindu*. Herbart: *Metafísica geral*.
- 1830 Revolução de Julho em Paris; o "rei cidadão" Luís Filipe.
- 1831 Morte de Hegel por cólera em Berlim (n.1770).
- 1832 Morte de Goethe (n.1749).
- 1836 Heine: *A escola romântica*. Emerson: *A natureza*. G.Th. Fechner: *A vida depois da morte*.
- 1841 Feuerbach: *A essência do cristianismo*. Carlyle: *Sobre os heróis e o culto aos heróis*.
- 1842 Schelling: *Filosofia da mitologia e da revelação*. Comte: *Curso de filosofia positiva. Fundamentos do positivismo*. Nasce o filósofo alemão Eduard von Hartmann (m.1906).
- 1844 Nascimento de Friedrich Nietzsche (m.1900). Kierkegaard: *O sentimento de angústia e Temor e tremor*.
- 1845 Max Stirner: *O único e sua propriedade*.

- 1848* Ano de revolução. Revoltas em Paris, Berlim, Viena, Roma, na Hungria e na Boêmia. Parlamento na Igreja de São Paulo, em Frankfurt. *Manifesto comunista*, de Marx e Engels.
- 1849* A revolução fracassa.
- 1851* Golpe de estado de Napoleão III. Feira Mundial em Londres.
- 1854* Morte de Schelling (n.1775). O papa proclama como dogma a imaculada concepção de Maria.
- 1855* Ludwig Büchner: *Força e matéria* (materialismo popular).
- 1856* Nascimento de Sigmund Freud (n.1939).
- 1859* Guerra de Libertação da Itália sob a liderança de Garibaldi contra o governo Habsburgo. Nascimento de Henri Bergson (m.1941), criador do "elã vital", de John Dewey (m.1952), filósofo americano fundador do pragmatismo, de Edmund Husserl (m.1938), filósofo alemão fundador da fenomenologia (m.1938). *Sobre a liberdade*, de John Stuart Mill.
- 1860* Abraham Lincoln é eleito presidente dos Estados Unidos.

CRONOLOGIA DE DATAS SIGNIFICATIVAS DA FILOSOFIA

- séc. VI a.C.* Início da filosofia ocidental com Tales de Mileto.
fim do
séc. VI a.C. Morte de Pitágoras.
- 399 a. C.* Sócrates condenado à morte em Atenas.
c.387 a.C. Platão funda a Academia em Atenas, a primeira universidade
- 335 a.C.* Aristóteles funda o Liceu em Atenas, escola rival da Academia.
- 324 d.C.* O imperador Constantino muda a capital do Império Romano para Bizâncio.
- 400 d.C.* Santo Agostinho escreve as *Confissões*. A filosofia é absorvida pela teologia cristã.
- 410 d.C.* Saque de Roma pelos visigodos anuncia o advento da Idade das Trevas.
- 529 d.C.* O fechamento da Academia em Atenas, pelo Imperador Justiniano, marca o fim do pensamento helenista.
- meados do*
séc. XIII Tomás de Aquino escreve seus comentários sobre Aristóteles. Era da escolástica.
- 1453* Queda de Bizâncio para os turcos, fim do Império Bizantino.
- 1492* Colombo chega à América. Renascimento em Florença e renovação do interesse pela aprendizagem do grego.
- 1543* Copérnico publica *De revolutionibus orbium caelestium* (*Sobre as revoluções dos orbes celestes*),

- provando matematicamente que a Terra gira em torno do Sol.
- 1633 Galileu é forçado pela Igreja a abjurar a teoria heliocêntrica do Universo.
- 1641 Descartes publica as *Meditações*, início da filosofia moderna.
- 1677 A morte de Spinoza permite a publicação da *Ética*.
- 1687 Newton publica os *Principia*, introduzindo o conceito de gravidade.
- 1689 Locke publica o *Ensaio sobre o entendimento humano*. Início do empirismo.
- 1710 Berkeley publica os *Princípios do conhecimento humano*, levando o empirismo a novos extremos.
- 1716 Morte de Leibniz.
- 1739-40 Hume publica o *Tratado sobre a natureza humana*, conduzindo o empirismo a seus limites lógicos.
- 1781 Kant, despertado de seu "sono dogmático" por Hume, publica a *Crítica da razão pura*. Início da grande era da metafísica alemã.
- 1807 Hegel publica *A fenomenologia do espírito*: apogeu da metafísica alemã.
- 1818 Schopenhauer publica *O mundo como vontade e representação*, introduzindo a filosofia indiana na metafísica alemã.
- 1889 Nietzsche, após declarar que "Deus está morto", sucumbe à loucura em Turim.
- 1921 Wittgenstein publica o *Tractatus logicophilosophicus*, advogando a "solução final" para os problemas da filosofia.
- década de 20 O Círculo de Viena apresenta o positivismo lógico.
- 1927 Heidegger publica *Sein und Zeit (Ser e tempo)*, anunciando a ruptura entre a filosofia analítica e a

continental.

1943 Sartre publica *L'être et le néant (O ser e o nada)*, avançando no pensamento de Heidegger e instigando o surgimento do existencialismo.

1953 Publicação póstuma de *Investigações filosóficas*, de Wittgenstein. Auge da análise lingüística.

ÍNDICE REMISSIVO

*** **

Acerca da vontade na natureza, 1

Bakunin, Mikhail, 1, 2

Beckett, Samuel, 1

Beethoven, Ludwig van, 1

Berkeley, George, 1, 2

Bernhard, Thomas, 1

Burkhardt, Jacob, 1

Byron, Lord, 1, 2

Demócrito, 1

Descartes, René, 1

Eliot, George, 1

Fenomenologia do espírito, A, 1

Fichte, Johann Gottlieb, 1

Freud, Sigmund, 1, 2, 3, 4

Goethe, Johann Wolfgang von, 1, 2, 3, 4, 5

Hamlet, 1

Hegel, Friedrich, 1, 2, 3, 4, 5, 6

Hölderlin, Friedrich, 1

Hume, David, 1, 2, 3, 4

Joyce, James, 1

Kant, Immanuel, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9

Leibniz, Gottfried Wilhelm, 1
Leopardi, Giacomo, 1
Locke, John, 1, 2

Mainländer, Philipp, 1
Mann, Thomas, 1
Marquet, caso, 1
Mathias Claudius, 1
Medon, Caroline, 1-2, 3, 4
Mundo como vontade e representação, O, 1, 2-3, 4, 5, 6, 7, 8, 9

Napoleão, 1, 2, 3
Nietzsche, Friedrich, 1, 2

Parerga et paralipomena, 1-2, 3, 4, 5, 6, 7-8
Platão, 1, 2, 3, 4

Revolução Francesa, 1
Rossini, Gioacchino, 1
Rousseau, Jean-Jacques, 1

Sócrates, 1, 2
Sturm und Drang, 1

Tolstoi, Leon, 1

Universidade de Berlim, 1
Universidade de Göttingen, 1
Upanishads, 1

Wagner, Richard, 1, 2
Westminster Review, 1
Wieland, Cristoph Martin, 1
Wittgenstein, Ludwig, 1

CIENTISTAS

em 90 minutos

por Paul Strathern

Arquimedes e a alavanca em 90 minutos
Bohr e a teoria quântica em 90 minutos
Crick, Watson e o DNA em 90 minutos
Curie e a radioatividade em 90 minutos
Darwin e a evolução em 90 minutos
Einstein e a relatividade em 90 minutos
Galileu e o sistema solar em 90 minutos
Hawking e os buracos negros em 90 minutos
Newton e a gravidade em 90 minutos
Oppenheimer e a bomba atômica em 90 minutos
Pitágoras e seu teorema em 90 minutos
Turing e o computador em 90 minutos

Título original:
Schopenhauer in 90 minutes

Tradução autorizada da primeira edição
norte-americana, publicada em 1997
por Ivan R. Dee, de Chicago, Estados Unidos

Copyright © 1997, Paul Strathern

Copyright da edição brasileira © 1998:
Jorge Zahar Editor Ltda.
rua Marquês de São Vicente 99, 1º andar
22451-041 Rio de Janeiro, RJ
tel (21) 2529-4750 / fax (21) 2529-4787
editora@zahar.com.br
www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.
A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Ilustração: Lula

ISBN: 978-85-378-0572-5

Arquivo ePub produzido pela **Simplíssimo Livros**
